

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 27 - número 54 - outubro 2018



PERCEPÇÃO E EXÍLIO

PERCEPTION AND EXILE

PAULA GALHARDO¹

Abstract: This short essay about Renaud Barbaras' work takes as a guiding thread the relation between perception and separation. If, in order to perceive, the subject must belong to the world, how can we think about the necessary separation between the subject and the world, from which the subject himself arises? This topic leads us, on the one hand, to examine a point of continuity between Renaud Barbaras' and Merleau-Ponty's works, for both of them seek to reflect upon the question of the ontological belonging of the subject to the world. On the other hand, this topic also leads us to an analysis of how, characterizing the mode of being of the subject as movement, Renaud Barbaras distances himself from Merleau-Ponty and opens up a new philosophical perspective: one in which the separation between the subject and the world must be conceived as a particular form of exile.

Keywords: Renaud Barbaras, perception, ontological belonging, feeling, Merleau-Ponty

Resumo: Este curto ensaio sobre o trabalho de Renaud Barbaras toma como fio condutor a relação entre percepção e separação: se a percepção exige que o sujeito se inscreva em uma certa continuidade ontológica com o mundo do qual ele provém, como pensar a necessária separação entre o sujeito e o mundo? Essa temática nos conduz, por um lado, a examinar um ponto de continui-

Résumé: Ce court essai sur le travail de Renaud Barbaras prend comme fil conducteur la relation entre perception et séparation: si la perception exige que le sujet s'inscrive dans une continuité ontologique avec le monde duquel il provient, comment penser la nécessaire séparation entre le sujet et le monde? Cette thématique nous conduit, d'une part, à examiner un point de continuité

¹ Investigadora da Universidade de São Paulo/FAPESP. Email: paulagalhardocepil@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7531-435X.

dade entre o trabalho de Renaud Barbaras e o de Merleau-Ponty, pois ambos se propõem a pensar a questão do pertencimento. Por outro, ela nos leva a analisar a maneira pela qual Renaud Barbaras, caracterizando o modo de ser do sujeito como movimento, se distancia da filosofia de Merleau-Ponty e abre caminho para uma perspectiva filosófica inédita, na qual a separação entre o sujeito e o mundo deve ser entendida como uma forma singular de exílio.

Palavras-chave: Renaud Barbaras, percepção, pertencimento ontológico, sentimento, Merleau-Ponty

entre le travail de Renaud Barbaras et celui de Merleau-Ponty, puisque tous deux se proposent de penser la question de l'appartenance. D'autre part, elle nous mène à analyser la manière dont Renaud Barbaras, en caractérisant le mode d'être du sujet comme mouvement, prend ses distances avec la philosophie de Merleau-Ponty, et ouvre vers une perspective philosophique inédite, dans laquelle la séparation entre le sujet et le monde doit être comprise comme une forme singulière d'exil.

Mots-clés: Renaud Barbaras, perception, appartenance ontologique, sentiment, Merleau-Ponty

1. *A sombra de Merleau-Ponty*

Tomando como ponto de partida o que Husserl chamou de *a priori universal da correlação*, Renaud Barbaras define a tarefa da fenomenologia de maneira precisa: não se trata de pensar uma simples relação entre o sujeito e o objeto, mas de repensar os polos subjetivo e objetivo *à partir da relação*, de maneira a que o ser de cada um dos entes em questão derive da relação que entretém com o outro polo. Tal projeto implica, por um lado, pensar aquilo que aparece: o mundo, presença inalienável, *aparecente* em profundidade que assegura a continuidade da experiência e cuja presença não se esgota em suas diferentes aparições. Por outro, conduz a repensar o polo subjetivo da correlação dentro de coordenadas determinadas: a de um sujeito que não existe da mesma maneira que os outros entes que não são destinatários da manifestação, mas que, ao mesmo tempo, deve *pertencer* ao mundo. Esta segunda questão toca em uma dificuldade crucial: como pode o sujeito existir diferentemente dos entes do mundo (uma vez que ele é *ao mundo*) e ao mesmo tempo ser *do mundo* ?

Esta maneira de colocar o problema do modo de ser do sujeito é, sem dúvida, tributária da leitura merleau-pontiana de Husserl. Se a filosofia de Merleau-Ponty busca pensar a “sombra de Husserl”, Renaud Barbaras retoma o gesto merleau-pontiano e vai mais além, buscando, por sua vez, pensar o impensado de Merleau-Ponty. Como sabemos, o pertencimento do sujeito husserliano ao mundo é um problema não resolvido, pois o sujeito

empírico e o sujeito transcendental permanecem irreconciliáveis no âmbito de uma fenomenologia constitutiva. Rejeitando esse dualismo empírico-transcendental, Merleau-Ponty se situa no nível propriamente *perceptivo*, o que o conduz a colocar em evidência fenômenos cuja constituição (no sentido husserliano) é problemática, tais como o corpo próprio, a motricidade, o outro e a temporalidade. Assim, se ainda é questão de intencionalidade, trata-se de uma intencionalidade singular, não objectivante, operatória, que instaura uma *familiaridade* ou um *parentesco* entre o sujeito e o mundo.

Como ressalta Renaud Barbaras, um dos grandes avanços feitos por Merleau-Ponty em relação a Husserl é o de mostrar que a percepção tem como condição necessária o *pertencimento* do sujeito ao mundo. Nem sujeito, nem objeto, a encarnação é o que, aos olhos de Merleau-Ponty, responderia às coordenadas do problema do pertencimento. Na *Fenomenologia da Percepção*, essa questão é abordada pelo viés do corpo próprio, ao passo que, nas reflexões do último Merleau-Ponty, é o conceito de carne que busca resolver o problema do pertencimento. Se é certo que o que Merleau-Ponty chama de carne insiste na continuidade ontológica entre o sujeito e o mundo (escapando assim aos efeitos nefastos de uma concepção do sujeito como *fora do mundo*), a questão é se este conceito enigmático é capaz de resolver o problema que ele coloca. Segundo Renaud Barbaras, pensando o pertencimento como encarnação, Merleau-Ponty seria ainda tributário, mesmo na última fase de seu pensamento, do dualismo cartesiano: ao invés de repensar os polos subjetivo e objetivo da correlação, ele teria colocado em evidência um terceiro termo que apenas nomeia o problema, mas não o resolve. É assim que, ressalta Renaud Barbaras, a *carne* merleau-pontiana fica além e aquém do modo de ser do sujeito. Prisioneira de um dualismo, a *carne* reduz a questão do pertencimento à encarnação de uma consciência, o que significa que, por um lado, o sujeito encarnado é reduzido a uma consciência husserliana enriquecida de uma existência corporal (que é veículo do ser-no-mundo) e, por outro, que ele se vê dissolvido na *carne do mundo*.

2. Comunidade ontológica e separação

A crítica que Renaud Barbaras faz a Merleau-Ponty coloca em evidência um ponto de ruptura crucial entre sua perspectiva filosófica e a fenomenologia merleau-pontiana. A questão que se coloca então é a seguinte: como conjugar a comunidade ontológica entre o sujeito e o mundo – evidenciada por Merleau-Ponty – sem, por um lado, reduzir o sujeito à consciência e, por outro, dissolvê-lo na carne do mundo? Para Renaud Barbaras, o desafio de pensar a continuidade ontológica, que é condição da percepção, sem cometer os erros de Merleau-Ponty, pode ser superado se pensarmos a questão do pertenci-

mento a partir de um modo de ser singular: o do *movimento*. Trata-se de um movimento que não é um deslocamento espacial, mas o movimento da vida mesma. Se esse movimento não exclui a fenomenalização é porque a vida deve ser entendida em um sentido mais profundo do que a divisão entre um viver intransitivo (estar em vida, *leben*) e um viver transitivo (*erleben*). Esse passo dado por Renaud Barbaras o conduzirá, por um lado, a uma fenomenologia da vida que busca refletir sobre o movimento dos seres vivos e, por outro lado, a uma cosmologia, que busca pensar o movimento do mundo como *physis*.

Ora, se o pertencimento do sujeito ao mundo é assegurado pelo fato de ele ser atravessado pelo movimento da vida (seu movimento enquanto vivente pode ser considerado como um momento do movimento do mundo), *como pensar a separação entre o sujeito e o mundo?* Cabe aqui o recurso ao que Renaud Barbaras chama de uma antropologia privativa, segundo a qual a consciência não proviria de um aumento da vida, mas de uma privação ou auto-negação do movimento da vida. O homem seria assim o ser que nega o impulso vital, sua finitude sendo correlata de uma limitação do movimento infinito da vida. Essa negação ou limitação do movimento da vida não é nem o fato do homem, nem uma auto-limitação do movimento mundano, mas um evento sem causa nem razão que Renaud Barbaras chama de *aqueivento*. Trata-se de uma cisão originária que afeta o movimento mundano e que tem como produto o homem. Logo, pensar o sujeito não é uma tarefa que releva do ontológico, mas do metafísico. Renaud Barbaras propõe assim uma metafísica do sujeito em um sentido renovado, que abre perspectivas inéditas e inexploradas no campo da fenomenologia contemporânea.

3. *Metafísica do sentimento e nostalgia*

É nesta direção que avança um dos últimos livros de Renaud Barbaras, *Métaphysique du Sentiment*. Nesse livro, o autor toma como ponto de partida uma ideia que tem suas origens no trabalho poético: a ideia segundo a qual a dimensão do poético é, ao mesmo tempo, a experiência de nossa separação do mundo e um esforço para ultrapassar essa mesma separação. Assim, se este livro magistral propõe um nova maneira de pensar a afetividade, esta deve ser entendida à luz da questão da separação: o que Renaud Barbaras chama de sentimento é precisamente a experiência fundamental que nos permite falar sobre o mundo do qual somos irremediavelmente separados por um abismo que é da ordem do evento. Nem angústia, nem náusea, nem afeição pura, o sentimento é um “fio ténue que liga nosso movimento ao movimento do mundo”².

² Renaud Barbaras, *Métaphysique du Sentiment* (Paris : Editions du Cerf, 2016), 177. “[U]n fil tenu qui relie notre mouvement à celui du monde”.

Segundo o autor, essa separação para com o mundo é vivida sob o modo do *exílio*: o homem “é exilado do mundo no seio do mundo: ainda inscrito nele, mas sem pátria nele (...) O exilado é definitivamente separado de sua pátria, não somente espacialmente, mais ontologicamente: ele é sem lugar no mundo, ou ainda o lugar que ele ocupa não é nunca o seu”³. Este ponto preciso nos permite voltar à questão da ruptura com o pensamento de Merleau-Ponty. Se a questão do pertencimento conduz Merleau-Ponty a insistir na continuidade entre o sujeito e o mundo e a caracterizar a relação entre sujeito e mundo como sendo uma relação de parentesco ou de familiaridade, tudo ocorre como se a separação entre o sujeito e o mundo pudesse sempre ser reduzida, ou até anulada, por um sujeito encarnado que está por assim dizer “sempre em casa”. Nesse sentido, a metafísica do sujeito de Renaud Barbaras se situa nos antípodas da ontologia do sujeito merleau-pontiano, pois a familiaridade é substituída pelo exílio do mundo. Poderíamos, assim, dizer que, para Renaud Barbaras, o homem é, como escreve Pessoa (Álvaro de Campos), “estrangeiro aqui como em toda parte” (*Lisbon Revisited*; 1926); ou ainda “A minha pátria, é onde não estou” (*Opiário*). O fato de existirmos como movimento é aqui crucial, pois isto quer dizer que somos não entes estáticos, mas um movimento que tende em relação ao mundo. Mas exílio não quer apenas dizer que desejamos o mundo do qual estamos separados e por isso nos movemos em sua direção. Exílio significa também a perda de um lugar originário e a existência de um sentimento de nostalgia dessa terra perdida. Ora, essa *nostalgia ontológica* é, com certeza, nostalgia de algo que perdemos, mas também promessa de reconciliação.

Assim, se *arquitevento* é a separação do sujeito da *arqui-vida* que o coloca em movimento, resta a pensar a maneira *pela qual o sujeito vive esse exílio e a nostalgia ontológica que lhe é correlativa*. Como pensar os ecos desse exílio na experiência fenomenológica e sua inscrição no sensível? Se a experiência concreta de um exílio pode ajudar-nos a elaborar essa metafísica do sujeito, podemos nos perguntar se a nostalgia ontológica em questão é um sentimento vazio, sem conteúdo algum, nostalgia de um *impossível*. A nostalgia do mundo perdido é sem dúvida nostalgia de algo que não podemos possuir. Entretanto, seria ela, como diria Levinas a respeito do desejo, nostalgia de um “país onde nunca nascemos, [d]e um país estrangeiro a qualquer natureza, que não foi nossa pátria e onde nunca viajaremos”⁴?

³ Barbaras, *Métaphysique du Sentiment*, 139 : “Il [l’homme] est exilé du monde au sein du monde : encore inscrit en lui, mais sans patrie en lui. [...] L’exilé est définitivement séparé de sa patrie, non seulement spatialement mais ontologiquement : il est sans lieu dans le monde, ou plutôt le lieu qu’il y occupe n’est jamais le sien”.

⁴ E. Levinas, *Totalité et infini*, (Paris : Kluwer “Le livre de Poche”, 1971), 22 : “[D]’un pays où nous ne naquîmes point, [d]’un pays étranger à toute nature, qui n’a pas été notre pays et où nous ne nous transporterons jamais”.

O exílio do qual nos fala Renaud Barbaras parece conduzir-nos a um outro pensamento da separação, marcado por uma falta cuja alteridade não se confunde com um impossível. Profundamente íntima e profundamente exterior, essa “falta” é a de um sujeito que só *se* encontra fora dele mesmo; e é por isso que Renaud Barbaras afirma que a ipseidade só tem sentido como pura abertura ao mundo. Isto não significa, entretanto, que o sujeito se dissolve na alteridade do mundo, fundindo-se no cosmos – estamos bastante longe do que Romain Rolland chamou de *sentimento oceânico*. O sentimento do qual se trata aqui está mais próximo ao de um sujeito que, em um litoral estrangeiro, fita o oceano que lhe separa de uma pátria à qual ele não há de retornar.

Assim, poderíamos caracterizar a nostalgia ontológica da qual se trata como uma falta por assim dizer *habitada*: falta que não é tanto a *ausência de uma presença*, mas a *presença de uma ausência*. Claro, não se trata de recuperar o que foi perdido (de retornar ao paraíso), pois a perda do mundo é originária e definitiva. Entretanto, podemos vislumbrar a possibilidade de que certas dimensões do sensível reencontrem traços do que foi perdido para sempre: talvez um cheiro, uma cor, uma textura, uma certa luminosidade. Neste ponto, o sentimento é muito próximo do desejo e podemos até nos perguntar em quem medida estas duas dimensões da existência podem ser pensadas separadamente. Logo, a nostalgia ontológica que é correlativa de nosso exílio – essa nostalgia que é ao mesmo tempo *lembrança e desejo* – não encontraria uma ressonância privilegiada nesse sentimento misterioso que tanto colocou em movimento grandes poetas de língua portuguesa, aquele que chamamos de *saudade*?

Bibliografia

- Renaud Barbaras, *Métaphysique du Sentiment* (Paris : Editions du Cerf, 2016).
E. Levinas, *Totalité et infini*, (Paris : Kluwer “Le livre de Poche”, 1971).